

LETRAMENTO RACIAL E PEDAGOGIA ENGAJADA: LEITURA DE BELL HOOKS E FORMAÇÃO DOCENTE

RACIAL LITERACY AND ENGAGED PEDAGOGY: READING BELL HOOKS AND TEACHER FORMATION

 Sahmaroni Rodrigues de Olinda^A

^A Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil

Recebido em: 15 jan. 2023 | Aceito em: 13 jul. 2023

Correspondência: Sahmaroni Rodrigues de Olinda (sahmaronirodrigues@ufc.br)

Resumo

O trabalho tem como objetivo discutir o letramento racial de licenciandos(as) no grupo de estudos “bell hooks, Pedagogia engajada e formação docente”. Trata-se de perceber como a leitura do mundo e a leitura da palavra se entremeiam, complexificam-se e se ampliam quando em contato com leituras de autores e autoras críticas. Como base teórica, utilizamos os fundamentos de uma pedagogia engajada proposta por bell hooks (2017, 2020a) e Paulo Freire (2020a, 2020b). O trabalho foi elaborado a partir de depoimentos e entrevistas com 8 estudantes dos cursos de Pedagogia, Ciências Biológicas e Ciências Sociais da Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi) cuja participação no grupo de estudos se deu durante o semestre 2022.1, e analisado levando em conta perspectivas que se repetiam nos depoimentos, e diferenças na maneira como cada um(a) figurava o modo como a obra da autora impactou sua leitura de mundo, tendo em vista a ideia de letramento racial (SCHUCMAN, 2012). Como resultados, pudemos perceber no material produzido nas entrevistas que a leitura da educadora feminista negra causou forte impacto no modo como o grupo entendia a docência, e o modo como decidiram se engajar concretamente na formação do grupo como uma comunidade de aprendizagem antirracista, anticlassista e antissexista.

Palavras-chave: formação docente; comunidade de aprendizagem; pedagogia engajada; Leitura; Letramento racial.

Abstract

This paper aims to discuss the racial literacy of teachers in formation on the study group "bell hooks, engaged pedagogy and teacher formation." It is about understanding how reading words and reading the world intertwine, complexify and expand when in contact with critical authors. As a theoretical basis, we use the foundations of an engaged pedagogy as proposed by bell hooks (2017, 2020a) and Paulo Freire (2020a, 2020b). The paper was elaborated from statements and interviews with 8 students from the courses of Pedagogy, Biological Sciences and Social Sciences from the College of Education of Itapipoca (FACEDI), whose students participated on the study group during the semester 2022.1; it was analyzed taking into account repeated perspectives present on the statements, and differences on the way each person described the way the author's work influenced their reading of the world, having in mind the idea of racial literacy (SCHUCMAN, 2012). As a result, we could observe in the material produced during the interviews that reading the black feminist educator has caused a strong impact in the way the group understood the act



of teaching, and how they decided to tangibly engage in the shaping of the group as a community of anti-racist, anti-classist and anti-sexist learning.

Keywords: Teaching formation; Learning community; Engaged pedagogy; Reading; Racial literacy.

Introdução

*A sala de aula não é lugar de para as estrelas,
é um lugar de aprendizado
(bell hooks)*

*O contrário da vida não é a morte, mas o desencanto.
(Luiz Antônio Simas – Luiz Rufino)*

O objetivo deste artigo é discutir o letramento racial de licenciandos(as) no grupo de estudos “bell hooks, Pedagogia engajada e formação docente”. Trata-se de perceber como leitura do mundo e leitura da palavra se entremeiam, complexificam-se e se ampliam quando em contato com leituras de autores e autoras críticas., a partir de falas discentes coletadas ao longo do semestre 2022.1, em nossos encontros semanais para discutir a pedagogia engajada proposta pela autora negra estadunidense bell hooks.

Para tanto, os objetivos específicos são: elencar aspectos gerais de uma pedagogia engajada segundo bell hooks em diálogo com Paulo Freire; apresentar a maneira como estruturamos o grupo de estudos, e entender como a leitura de obras da autora modificam/impactam na leitura de mundo dos(as) futuros(as) professores(as).

Desse modo, este texto seguirá os seguintes movimentos retóricos: primeiramente, apresentaremos o percurso metodológico para coletar os dados aqui apresentados; em seguida, elencamos elementos gerais para uma pedagogia engajada a partir de bell hooks e Freire; por fim, apresenta-se a proposta do grupo de estudos e seus objetivos juntamente com as falas de estudantes sobre as leituras realizadas, seguido da conclusão.

Metodologia

Para a produção de dados desta pesquisa, partilhamos da perspectiva segundo a qual o docente deve refletir sobre seu próprio processo de organização do trabalho didático, de modo a refletir sobre sua práxis para melhorá-la, tornando evidentes seus pressupostos, suas

concepções e crenças, uma vez que nenhuma educação é neutra (PIMENTA, 2014; FRANCO, PIMENTA, 2016).

Assim, juntamente ao grupo de estudos “bell hooks, pedagogia engajada e formação docente”, propusemos, ao final do semestre, uma avaliação de nossas atividades, uma vez que se tratava de nosso primeiro semestre como grupo de estudos, e a maioria não conhecia a obra da autora estadunidense. Feitos os acordos, fizemos um grupo focal (MELO, 2005) de modo que as falas de uns pudessem ir se enriquecendo nas falas do demais, criando-se sentidos coletivos e colaborativos para entendermos os impactos da leitura de bell hooks sobre nossa leitura de mundo (FREIRE, 2022).

Coletados os dados através da gravação em áudio, ouvimos repetidas vezes de modo que pudéssemos apreender os sentidos construídos pelo grupo, levando em conta os aspectos levantados pelos sujeitos individuais no sujeito-grupo.

Pedagogia engajada: bell hooks e Paulo Freire

Como seduzir estudantes desiludidos com a academia? Desiludidos com os maus-tratos oriundos de suas relações com a escola? Como formar pessoas abertas ao sonho com os pés fincados na realidade, atentando para as possibilidades de cada momento? Como nos lembra bell hooks:

Quando escuto estudantes falando sobre a miríade de maneiras pelas quais se sentem diminuídos por professores que se recusam a reconhecer sua presença ou a lhes dispensar o básico da gentileza em sala de aula, fico impressionada com nosso poder, como professores, de ajudar ou machucar nossos estudantes, de fortalecer seu espírito ou quebrá-lo (HOOKS, 2020a, p.105)

Foi avançando nesses questionamentos e em confronto com as demandas dos/as estudantes por serem escutados/as que retomei leituras de Paulo Freire, autor que me acompanha desde minha atuação em instituições de acolhimento institucional para adolescentes em situação de vulnerabilidade social, e comecei a fazer leituras de bell hooks, autora que me chegou em 2019, por sugestão de uma estudante de uma das primeiras turmas de Didática I, em 2019, quando atuava na Universidade Federal do Ceará.

Não se tratava, portanto, de forjar situações de participação das turmas, mas de tentar convencê-las, seduzi-las a se engajarem em sua própria formação, lançando-lhes o convite a se rebelarem contra as interpelações de apassivamento recebidas outrora, e sentindo as dores desse processo de negação de sua condição humana, apropriarem-se de sua formação,

formando coletivamente uma comunidade de aprendizagem/reflexão sobre a profissão docente e suas múltiplas dimensões.

Freire, desde seus primeiros escritos, propõe que educar é um ato de comunhão entre seres humanos em processo de libertação e conscientização de suas amarras e de seus papéis históricos na transformação das relações sociais. Para tanto, em sua Pedagogia do Oprimido, o educador pernambucano chama nossa atenção para o fato de que é preciso, na própria “metodologia” do processo educativo, que educandos/as e educadores/as se percebam educandos/as-educadores/as e educadoras/es-educandos/as, isto é, aprendemos e ensinamos uns com os outros, mediados pelo mundo (FREIRE, 2020c).

Entretanto, o autor nos lembra que, devido ao processo de desumanização, alguns grupos não estão acostumados a se engajarem em sua libertação, pois foram coisificados, foram despojados de seu direito e papel de seres pensantes, seres históricos que podem ser mais. Assim, “a presença dos oprimidos na busca de sua libertação, mais que pseudoparticipação, é o que deve ser: engajamento” (*op.cit.* p.78).

bell hooks, grande interlocutora e admiradora de Freire, irá nos lembrar, de modo semelhante, da importância de se pensar e praticar uma pedagogia engajada que mobilize e seduza estudantes, principalmente aqueles e aquelas vindos/as dos grupos dominados que foram silenciados e foram acostumados à obedecerem, especialmente em sala de aula (HOOKS, 2017), de tal modo que, nos diz a autora:

Quando pedimos para as pessoas explicarem o que significa uma aula entediante, em geral elas culpam o professor. Não pensam na sala de aula e no que acontece lá como uma criação a partir da interação mútua entre professores e estudantes. Para eles, a sala de aula “pertence” ao professor ou à professora, e ela ou ele é o único fator determinante dos acontecimentos. É dessa forma que a maioria dos estudantes tem sido ensinada a pensar sobre a educação escolar (HOOKS, 2020a, p. 183).

Assim, herdado o silenciamento, cria-se uma verdadeira pedagogia do silenciamento, sendo praticada ao longo da escolarização (FERRAREZI JR, 2014), que faz com que estudantes cheguem aos cursos de formação docente com medo de se posicionarem, apáticos/as à sua própria formação, ou com postura não dialógica, pois não aprenderam a discordar sem necessariamente querer eliminar com quem se discorda, ficando toda a responsabilidade da criação de um espaço de reflexão para o/a docente, o que contradiz a perspectiva de, como Freire e hooks, entendermos a necessidade de uma pedagogia que engaje docentes e discentes na formação de sujeitos críticos, sensíveis ao mundo, dispostos/as a transformá-lo, com desejo de se responsabilizar pelas escolhas das gerações passadas e

modificá-las quando for para o bem comum, vivendo conflitos como inerentes ao processo dialógico.

Trata-se de compreender que temos sim poderes diferenciados em sala de aula, uma vez que “é evidente que professores têm mais poder e, de fato, mais responsabilidade pelo que acontece na sala de aula”, mas sem negar nosso papel nela, sem negar nosso lugar de fala, sem evitar nos posicionarmos, aprendendo/encontrando maneiras de sermos co responsáveis pelo andamento das atividades, engajando-nos no processo de criação coletiva de conhecimento, uma vez que “estudantes também determinam a dinâmica” (HOOKS, 2020a, p. 184).

Desse modo, uma pedagogia engajada pressupõe de um lado o engajamento de docentes na busca de modos de seduzir e incentivar discentes a se fazerem presentes na produção das aulas/encontros coletivos, e de outro, discentes comprometidos/as com sua própria formação, com a transformação da sala de aula em um evento coletivo, dinâmico. Trata-se, portanto, de uma aprendizagem coletiva, que nos faça perceber nossa cultura do dominador entranhada em nós, e que exercite e se engaje em ir além dela, compondo momentos de amorosidade em que a democracia seja uma prática (FREIRE, 2020a).

Portanto, entendendo a pedagogia engajada como uma forma de relação educativa, uma perspectiva teórica da educação baseada no “entendimento de que aprendemos melhor quando há interação entre estudante e professor” (HOOKS, 2020a, p. 47), interação pautada na corresponsabilidade/engajamento no processo de se criar um ambiente de exercício democrático de produção de conhecimentos, que elementos poderíamos elencar neste curto espaço textual?

Um dos primeiros elementos, e um dos mais importantes, é o papel do docente na proposta pedagógica engajada: Freire sempre destacou a importância do/a docente no processo educativo: de um lado, responsável pela organização do ensino, de outro responsável por mobilizar os grupos com os quais atua, de modo a atuar com eles, e não para eles (FREIRE, 2020c), como também a importância de estar atento para que não perpetue o ciclo de desumanização e autoritarismo tão comuns em nossa sociedade marcada por relações autoritárias.

Para o autor, devemos estar atentos/as neste processo, de modo que evitemos o autoritarismo sem cair na licenciosidade que tudo permite e não se engaja no processo, uma vez que tem medo de parecer autoritário/a: “o espontaneísta é anfíbio - vive na água e na terra

- não tem inteireza, não se define constantemente pela liberdade nem pela autoridade” (FREIRE, 2020a, p. 84).

É importante, portanto, que docentes se engajem e reflitam constantemente sobre sua postura de modo a não cair nem no autoritarismo, nem a licenciosidade de uma pedagogia espontaneísta (“deixe acontecer naturalmente”), mas na autoridade que convém à docência: autoridade que fala com os/as discentes, que reconhece seu poder e por isso mesmo cuida para que não o abuse, ou, como diria bell hooks, sem negar sua autoridade e sempre atento/a à sua maior margem de poder que os/as discentes, é preciso aprender para ensinar “ a diferença entre a educação como prática da liberdade e a educação que só trabalha para reforçar a dominação” (HOOKS, 2017, p12).

É exatamente por deter mais poder na relação educativa que, segundo a autora, docentes devem estar mais atentos/as para que a hierarquia não vire um exercício de dominação, uma vez que negá-la seria partir para o escamoteamento de tal hierarquia, ou reduzi-la como fatalidade à relação de dominação:

Não somos todos iguais na sala de aula. Professores têm mais poder que estudantes. e na cultura do dominador, é fácil para os professores usarem mal esse poder. (...) Devemos estar dispostos a reconhecer a hierarquia, que é a realidade de nosso status diferenciado, e, ao mesmo tempo, demonstrar que diferença de status não precisa levar à dominação ou a qualquer forma de abuso de nosso poder (HOOKS, 2020a, p. 179).

É também a possibilidade de violência ao outro que faz com que haja uma responsabilidade maior do/a docente em se engajar em refletir sobre sua prática e postura, e tanto Freire (2000a, 2000b, 2000c) como hooks (2017, 2020a, 2021) repetirão abundantemente esta necessidade, de um lado porque vivemos numa cultura de dominação, e de outro devido a ser mais naturalizado o fato de hierarquia ser quase sinônimo de dominação ou diminuição do/a outro, como é o caso da cultura universitária, e recontando um pouco de sua trajetória, a autora rememora que “aprendi que, longe de ser autoatualizada, a universidade era vista antes como um porto seguro para pessoas competentes em matéria de conhecimento livresco, mas inaptas para a interação social” (HOOKS, 2017, p,28).

Partindo de seu engajamento no processo pedagógico, cabe, então ao/à docente seduzir (HOOKS, 2017) os/as estudantes de modo que estes e estas se vejam engajados em sua própria formação, sintam amor pelo processo de conhecer, amor não como uma palavra oca, como diria Freire (2020a), mas como ação, “como a vontade de nutrir o nosso crescimento espiritual e o de outra pessoa” em cujo cerne “abuso e negligência são, por definição, opostos de cuidado” (HOOKS, 2020b, p.48) e que demanda outros ingredientes como: carinho,

afeição, reconhecimento, respeito, compromisso, confiança, honestidade e comunicação aberta (op.cit.).

Engajar estudantes em sua própria formação-existência de modo a nutrir e crescer espiritualmente tendo como foco o combate a todas as formas de opressão criadas pela cultura de dominação patriarcal, imperialista, capitalista, supremacista branca que reduz o conhecimento a habilidades, que reduz o ato de estudar a um modo de ocupar uma vaga no sistema de trabalho exploratório-predatório. Transversal a qualquer interação em sala de aula, deve estar o combate a todas as formas de exploração/diminuição do outro acumuladas pelo sistema capitalista que domina e aprisiona corpos, e é por isso que tal educação é engajada, afetiva, erótica: é a sua vida que quero bordar na minha.

A partir desse engajamento na relação pedagógica, que é uma relação humana, mas que exatamente por ser humana é política, técnica, estética, ética, afetiva, corporal, que docentes precisam testemunhar com seu corpo o engajamento no processo de ensino, falando com os/as discentes de modo a conseguir seu engajamento no processo de ensino e aprendizagem da democracia, do viver em comunidade, como nos lembra de Freire (2020a) Mas que implicações uma pedagogia engajada teria para a formação de docentes? Por que pensar nesta perspectiva poderia nos ajudar na formação de “agentes sociais” em detrimento de formarmos “tecnólogos do ensino” (VEIGA, 2002)?

Além disso, como agiríamos engajadamente resistindo em meio à cultura de dominação produzindo uma prática pedagógica antirracista, anticlassista e antissexista? É aqui que entra o conceito de letramento racial desenvolvido por Schuman (2012) em sua Tese de Doutorado, na qual a autora identificou práticas que fizeram com que uma parte de seus entrevistados desenvolvesse letramento racial, alterando sua percepção das relações sociais mediadas por raça ao perceberem que certos conceitos como democracia racial não passam de falácia ideológica, bem como da necessidade de se pensar um “conjunto de práticas que permite que pessoas racializadas tanto como brancas quanto como não brancas passem a perceber a racialização e suas consequências na sociedade” (SEVERO, 2021, p. 6402).

Desta maneira, pensar uma formação docente engajada na transformação das relações sociais com viés antirracista, anticapitalista e antissexista é propor atividades que questionem certas naturalizações herdadas, bem como propor leituras, conceitos, autores/as que tragam outros pontos de vista, outros lugares sociais: pessoas negras, LGBTQIA+, Indígenas, etc de modo que possamos perceber os diversos dispositivos sociais de

exclusão/dominação/diminuição do/a outro/a, pois como nos lembra hooks: “somente analisando o racismo e suas funções na sociedade capitalista é que se pode chegar a uma plena compreensão das relações de classe. **A luta de classes é indissociável da luta pelo fim do racismo**” (HOOKS, 2019, p.30, negrito nosso).

Portanto, segundo a autora, é apenas a partir de uma sororidade a ser construída que não negue nossas diferenças e conflitos que poderemos dialogar e nos irmanar no combate às desigualdades sociais que se interseccionam na cultura de dominação em que re(e)xistimos. Trata-se, de um fazer sempre se fazendo, pois que não há fim a nossa luta por justiça e por respeito, mas “ao cultivar a consciência e a descolonização do pensamento, conseguimos as ferramentas para romper com o modelo dominador da sociabilidade humana e do desejo de imaginar novas e diferentes formas de as pessoas se unirem” (HOOOKS, 2021, p. 80).

Resultados e discussão

Partindo de seu engajamento no processo pedagógico, cabe, então ao/à docente seduzir (HOOKS, 2017) os/as estudantes de modo que estes e estas se vejam engajados em sua própria formação, sintam amor pelo processo de conhecer, amor não como uma palavra oca, como diria Freire (2020a), mas como ação, “como a vontade de nutrir o nosso crescimento espiritual e o de outra pessoa” em cujo cerne “abuso e negligência são, por definição, opostos de cuidado” (HOOKS, 2020b, p.48) e que demanda outros ingredientes como: carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso, confiança, honestidade e comunicação aberta (*op.cit.*).

Engajar estudantes em sua própria formação-existência de modo a nutrir e crescer espiritualmente tendo como foco o combate a todas as formas de opressão criadas pela cultura de dominação patriarcal, imperialista, capitalista, supremacista branca que reduz o conhecimento a habilidades, que reduz o ato de estudar a um modo de ocupar uma vaga no sistema de trabalho exploratório-predatório.

Transversal a qualquer interação em sala de aula, deve estar o combate a todas as formas de exploração/diminuição do outro acumuladas pelo sistema capitalista que domina e aprisiona corpos, e é por isso que tal educação é engajada, afetiva, erótica: é a sua vida que quero bordar na minha, como a canção “A linha e o linho” de Gilberto Gil tão bem expressa. Trata-se de compreender, como nos lembra hooks (2019) que o racismo, o sexismo e outras formas de dominação é um problema de todos e de todas e que na sala de aula, devemos, se

assim o quisermos, dar ouvidos às diferentes vozes e suas experiências sociais, de modo que o coro dos descontentes se torne unísono e, ainda que seja incômodo, nos faça acordar para as formas mortais de dominação e exclusão.

Desse modo, tais reflexões e exercícios de dialogicidade a partir das experiências discentes e docentes e o diálogo com textos da autora sobre educação e formas de dominação coloniais capitalistas imperialistas supremacistas brancas podem nos auxiliar a formar (e nos formar) trabalhadores/as da educação engajados/as na luta social e na produção de políticas comunitárias de acolhimento e inclusão das diferenças e na conscientização de que os modos de ser neoliberais não são naturais, mas imposições que podem ser combatidas. Cabe à Universidade, diante do quadro atual de neofascismo, criar espaços de reflexão que possam transbordar das salas de aula e intervir em outros espaços sociais, refletindo sobre as dominações estruturais, mas também sobre “o inimigo interno” em referência ao nosso sexismo [racismo, classismo etc) internalizado”. (HOOKS, 2018, p 34).

Foi pensando nestas questões, que foi criado o grupo de estudos “bell hooks, pedagogia engajada e formação docente”, portaria 24/2022 na Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi) no semestre de 2022.1, sob minha coordenação, e ligado ao curso de Pedagogia, acolhendo estudantes de Pedagogia, Ciências Biológicas e Ciências sociais. O grupo se reunia toda quinta feira, das 14 às 16h30, para discutir textos de bell hooks, professora feminista negra estadunidense, que tratavam sobre sua experiência em educação tentando combater a cultura de dominação que molda as relações nas instituições educativas. O grupo tinha como objetivos:

1. Promover reflexão de cunho teórico-prático sobre a educação em cultura de dominação e as resistências no sistema a partir da perspectiva anticolonial, antiautoritária, anticapitalista, antissexista, antirracista da educadora, militante, feminista estadunidense bell hooks;
2. Refletir sobre a educação anticolonial numa cultura patriarcal supremacista branca capitalista imperialista ;
3. Compreender as políticas de dominação invisibilizadas/naturalizadas produzidas de modo a perpetuar modos de colonizar corpos/mentes;
4. Contribuir para a formação inicial de discentes dos cursos de licenciatura (Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Pedagogia e Química) da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI), de licenciaturas de outras Instituições de Ensino Superior (IES) e continuada de professores da Educação Básica e do Ensino Superior;
5. Criar um espaço dialógico de formação permanente e de articulação entre a Universidade Estadual do Ceará (via Faculdade de Educação de Itapipoca) e escolas de Educação Básica, bem como outros espaços de educação não escolar;
6. Fortalecer estudos acerca de saberes e de aprendizagem da docência no âmbito dos cursos de licenciatura da Faculdade de Educação de Itapipoca;
7. Produzir pesquisa sobre Pedagogia engajada e educação antirracista, antissexista, e de combate a outras formas de opressão produzidas numa cultura de dominação capitalista-imperialista;
8. Criar oficinas, minicursos, palestras e outras formas de interlocução ent estudantes e docentes das universidades, das escolas, de espaços não escolares de educação e outros espaços educativo-sociais de

Itpipoca; 9. Pesquisar a obra da autora e suas contribuições para a formação docente, elaborando trabalhos acadêmicos a serem publicados em eventos científicos; 10. Criar interlocução entre movimentos sociais, escolas e Universidade; 11. Refletir sobre o engajamento entre formação, trabalho docente e vida política; 12. Criar Grupos de conscientização (GC) sobre as políticas de dominação no cotidiano (GRUPO BELL HOOKS, PEDAGOGIA ENGAJADA E FORMAÇÃO DOCENTE, 2022, p. 3).

Estes objetivos foram sendo cumpridos durante o ano de 2022, à medida que o grupo se engajava nas discussões de conceitos e propostas da autora e sua proposta educativa engajada antirracista, anticapitalista, de modo que o grupo se tornasse uma comunidade de aprendizagem engajada na luta contra as formas cotidianas de dominação que nos interpelam constantemente, pois “construir comunidade exige uma consciência vigilante do trabalho que precisamos fazer continuamente para enfraquecer toda socialização que nos leva a ter um compostamenti que perpetua a dominação” (HOOKS, 2021, p.80).

Assim, durante o semestre, tivemos discussão do livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” (2017) de bell hooks que focam especificamente em sua experiência como educadora, bem como do livro “Teoria femisnista: da margem ao centro (2019) e outros textos de obras da autora. Cada encontro era mediado por dois estudantes, de modo que o poder da palavra pudesse ser partilhado e todas as vozes pudessem ser ouvidas por todos e todas que fazíamos o grupo acontecer. Além disso, pensamos os encontros sempre ensaiando a participação e engajamento dos demais integrantes, de modo que se formasse uma comunidade de aprendizagem engajada na luta pela educação contra as formas de dominação vigentes como o racismo, o sexismo, o classismo, etc.

Segundo Rian, um dos integrantes do grupo, gay, estudante de Ciências Sociais, a própria maneira de organização do grupo o ajudou a compreender que aquilo que ele lia nos textos da autora era completamente viável, precisava apenas da “autoatualização do professor para ele entender que não se luta contra a dominação fora das relações do cotidiano. Acho que foi o que mais me tocou. Porque a leitura me fez ter vontade de mudar algumas coisas, e ver o exercício no grupo, causou mais impacto” (RIAN). A fala do estudante ecoa as palavras da autora, para quem a educação pressupõe diálogo de pessoas interessadas em se autoatualizar continuamente, pois “uma vez que nosso lugar no mundo está sempre mudando, precisamos aprender constantemente a estar presentes no agora. Se não estamos engajados por completo no presente, ficamos presos ao passado, e nossa capacidade de aprender diminui” (HOOKS, 2021, p.91).

Como se percebe no relato, leitura do mundo e leitura da palavra se entrecruzaram em nossa experiência. Não há sentido ler uma autora como bell hooks, que fala sobre a necessidade de resistirmos à cultura de dominação que nos interpela em todos os momentos de nossa vida, sem tentarmos ensaiar a boniteza do que ela propõe no cotidiano, com todas as nossas contradições. Desta maneira, o relato de Rian aponta para a tentativa do grupo de se engajar, uma vez que as atividades só poderiam ocorrer de maneira satisfatória se houvesse engajamento dos próprios sujeitos na formação da comunidade de aprendizagem.

Ruivo, estudante de Ciências Sociais, também traz como relato a ideia “de como não é possível fugir à questão da dominação. Foi o que mais me impactou. bell hooks é enfática: vivemos e somos formados numa cultura de dominação. O que podemos fazer é resistir, mas de dentro. E não há fim. Ninguém é desconstruído como se diz nas redes. Estamos sempre em processo” (RUIVO).

O relato acima, aponta para um impacto que foi relatado por todas as componentes do grupo: o racismo, o sexismo, e outras formas de dominação/exclusão estão presentes e nos formam. Cabe a nós, segundo hooks, lutarmos contra toda forma de dominação. Entretanto, esta luta não acaba, e precisamos estar atentos(as), sabendo-nos contraditórios(as) pois vivemos numa sociedade cosida pela contradição. Não fugimos a esses condicionamentos, mas podemos resistir a eles. Para isso, precisamos admitir que eles existem. Segundo a autora:

Uma grande falha de todos os potentes movimentos por justiça social de nossa nação foi, e ainda é, o pressuposto de que a libertação acontecerá de uma só vez. Isso tem prejudicado os avanços simplesmente porque, quando algumas conquistas na direção da igualdade foram alcançadas, a luta parou. E, obviamente, isso é perigoso quando se está tentando construir subculturas de autodeterminação no quadro da cultura do dominador. Seríamos todos muito mais bem-sucedidos em nossas lutas para acabar com racismo, machismo e exploração de classe se tivéssemos aprendido que a libertação é um processo contínuo. Somos bombardeados diariamente por uma mentalidade colonizadora — poucos de nós conseguimos escapar das mensagens oriundas de todas as áreas de nossa vida —, uma mentalidade que não somente molda consciências e ações, mas também fornece recompensas materiais para submissão e aquiescência que superam em muito quaisquer ganhos materiais advindos da resistência, de modo que precisamos estar constantemente engajados em novas maneiras de pensar e de ser. Precisamos estar atentos de forma crítica. Essa não é uma tarefa fácil quando a maioria das pessoas passa boa parte dos dias trabalhando dentro da cultura do dominador (HOOKS, 2020a, p.57).

Como afirmou Karol, “talvez essa luta sem fim seja assim por confundirmos consumo com direito, que é isso que a autora diz sobre ganhos materiais, somos conquistados por shampoo para preto, mas que pretos podem comprar essas marcas? Daí se esvazia a luta, pois a luta deve ser por direitos da população” (KAROL).

Clariana, estudante de Ciências Biológicas, traz para nosso grupo o relato de como as leituras da autora impactaram sua maneira de perceber os educandos das escolas. Segundo seu relato, ela sempre era chamada para substituir uma professora numa escola cuja turma era considerada muito bagunceira. Ela chegava “armada” contra os estudantes e saía se perguntando se queria realmente ser docente. Segundo ela, isso mudou depois que ela percebeu que não precisava temer seus estudantes ou ser distante em relação a eles: “ler bell hooks, principalmente o texto sobre o erótico na educação, me fez entender que posso ser amigável com a turma, que posso tentar mobilizar o desejo deles para aprenderem. E isso mudou minha vida porque eu fui substituir a professora e não precisei mais botar força para me mostrar distante deles. Quando falei para eles que não era inimiga deles, mas estava ali para ajudá-los a aprender, tudo mudou. Não tô exagerando. Rimos, teve bagunça em alguns momentos, mas a aula fluiu, eles me respeitaram. Acho que entender que posso ser assim como professora me fez querer ser professora, e professora compromissada” (CLARIANA).

Este é, sem dúvida, o relato mais interessante do grupo, pois traz uma perspectiva de tentativa de mudar as relações escolares a partir de uma perspectiva possível aprendida na leitura da autora e ensaiada no grupo: é possível um clima de amizade e respeito na sala, e isso é a autoridade docente.

Desse modo, pensar criticamente pode ser entendido como pensar e agir a partir da percepção de que vivemos numa cultura de dominação e negar tal fato muito mais fortalece tal cultura do que ajuda a superá-la, e superá-la é um problema de todos e todas, pois é o nosso destino em comum que está em jogo, sendo, portanto, necessário nos engajarmos na formação de docentes/pessoas antirracistas, anticapitalistas, antissexistas e anti todas as formas de dominação que surgem no sistema econômico excludente em que teimamos em re(e)xistir.

Conclusão

O objetivo deste artigo foi discutir o letramento de licenciandos(as) no grupo de estudos “bell hooks, Pedagogia engajada e formação docente”. Trata-se de perceber como leitura do mundo e leitura da palavra se entremeiam, complexificam-se e se ampliam quando em contato com leituras de autores e autoras críticas., a partir de falas discentes coletadas ao longo do semestre 2022.1, em nossos encontros semanais para discutir a pedagogia engajada proposta pela autora negra estadunidense bell hooks.

Como conclusões, pudemos perceber o impacto que a leitura da obra da feminista negra estadunidense bell hooks exerceu sobre as pessoas que integram o grupo dedicado a estudar sua obra e ampliar a leitura do mundo, a partir da leitura da palavra. Se estamos numa sociedade cuja dominação adentra todos os aspectos de nossa vida, precisamos garantir que docentes em formação inicial tenham acesso a leituras que os(as) façam ampliar suas percepções, de modo a ensaiarmos outras possibilidades de mundo, de sociedade, fugindo do fatalismo neoliberal que quer nos fazer acreditar que as relações são naturalmente de dominação, e que lutar contra elas seria lutar contra nossa própria natureza.

Referências

- FERRAREZI JR, Celso. *Pedagogia do silenciamento: a escola brasileira e o ensino de língua materna*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro, PIMENTA, Selma Garrido. Didática multidimensional: por uma sistematização conceitual. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 37, nº. 135, p.539-553, abr.-jun., 2016.
- FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020a.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020b.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020c
- GRUPO BELL HOOKS, PEDAGOGIA ENGAJADA E FORMAÇÃO DOCENTE. *Projeto de grupo de estudo apresentada ao Colegiado do curso de Pedagogia – Facedi – UECE, 2022* (mimeo).
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir – a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- HOOKS, bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- HOOKS, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Editora Elefante, 2020a.
- HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Elefante, 2020b.

HOOKS, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

MELLO, Ana Gláucia C. *Metodologia de Pesquisa*. Palhoça: Unisul, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido. Epistemologia da prática ressignificando a Didática. In: FRANCO, Maria Amélia Santoro; PIMENTA, Selma Garrido (Orgs). *Didática: embates contemporâneos*. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p.15-43.

SCHUCMAN, L. *Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. 2012. 100 f. Tese (Doutorado) –Curso de Psicologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Disponível em

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/pt-br.php> (Acesso em 20. 07.2022).

SEVERO, Renata Trindade. Letramento racial e técnicas de si. *Fórum Linguístico*. Florianópolis (Santa Catarina), Brasil. v. 18 n. 3, p. 6400-6415 (2021). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/82010> (Acesso em 12.08.2022).

SIMAS. Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. *Flecha no tempo*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

VEIGA, Ilma Passos A. Professor: tecnólogo do ensino ou agente social? In: VEIGA, Ilma Passos A, AMARAL, ANA Lúcia (Orgs). *Formação de professores: políticas e debates*. Campinas, SP: Papyrus, 2002, p. 65-93.